

PROFESSOR DA EDUCAÇÃO BÁSICA À EDUCAÇÃO SUPERIOR: UMA PROFISSÃO DE RISCO?

Josuelto Lopes dos Santos ¹

RESUMO

O objetivo deste texto é discutir os desafios enfrentados por uma pedagoga para lecionar matemática nos Anos Finais da Educação Básica e os possíveis impactos para a sua saúde/bem-estar. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que usou como instrumento de produção de dados um questionário. Participou deste estudo uma professora licenciada em Pedagogia que leciona matemática nos Anos Finais da Educação Básica. O estudo mostrou que os principais desafios enfrentados por uma pedagoga ao lecionar matemática nos Anos Finais são o domínio do conteúdo matemático, relação conflituosa entre pares, o nível de conhecimento e interesse dos estudantes, sobrecarga de trabalho relacionado a planejamento, realização de atividades fora do horário de expediente. Evidenciou também, que esses desafios impactam negativamente na saúde e bem-estar da professora causando-lhe estresse, desânimo, frustração, além de dores e uso de medicamento para poder lidar com a situação.

Palavras-chave: Pedagoga; Matemática; Anos Finais; Desafios; Saúde e Bem-estar.

INTRODUÇÃO

Há, no imaginário de professor da educação básica, a ideia de que as dificuldades e mazelas da profissão docente assolam, se não apenas, mas especificamente estes. Por serem, em grande parte, pertencentes às redes municipais, onde há um número expressivos de contratos temporários, atrelados especificamente às questões políticas locais. Neste contexto os vencimentos básicos são aquém do que propõe o piso nacional do magistério, além de outros diretos que lhes são negados.

Mesmo os que estão no quadro efetivo não escapam da precarização, são muitos os municípios que se quer tem plano de carreira do magistério, outros têm mas nem sempre este é respeitado pelo poder municipal. Plano de saúde não existe, falta recursos matérias e de infraestrutura adequadas para o desenvolvimento da prática docente, além de incentivo à qualificação e valorização profissional. Óbvio que as exceções existem, mas são só exceções. As consequências disso são variadas, adoecimento da categoria, falta de estímulo para seguir na profissão, desvalorização da figura do professor etc.

Infelizmente as dificuldades enfrentadas na docência não escolhem nível de atuação nem de formação, somos todos, talvez em graus e pautas diferentes, atingidos por

¹ Doutorando do Curso de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Jequié - BA, josuelto@hotmail.com;

questões que mexem com a nossa saúde/bem-estar. Os desafios enfrentados pelos professores no exercício da sua profissão têm causado sérios problemas à saúde/bem-estar destes, sobretudo de caráter psicossocial, “muitos profissionais da área escolar apresentam indícios de adoecimento, uma vez que sofrem maior predisposição aos transtornos psicossociais do que aos problemas em sua saúde física” (KANAN; DRESCH, 2022, p. 98-99). Alergia e irritações na pele e nas vias respiratórias causadas pelo pó de giz, calo nas cordas vocais, a bipedestação que causa problemas na musculatura e no sistema circulatório dentre outros (KANAN; DRESCH, 2022).

Quando se pensa em educação, os maiores números em quantidade de alunos e professores encontram-se na educação básica. Em 2021, dos 46,7 milhões de matrículas registradas, 178,4 mil estão nas escolas de educação básica. Há no Brasil 2,5 milhões de professores, maior parte, 2,2 milhões, atua na Educação Básica (KANAN; DRESCH, 2022). Portanto pensar as condições de trabalhos de professores da educação básica é urgente. Quando se fala em condições de trabalho é preciso ir além das condições físicas e concretas, “é preciso pensar relacionamentos, percurso na carreira, remuneração, acesso à possibilidades de formação inicial e contínua, entre outros elementos que procedem do ambiente laboral que podem ter impacto positivo ou negativo na saúde e bem-estar docente” (KANAN; DRESCH, 2022, p. 96).

Neste texto buscamos compreender os desafios enfrentados por uma pedagoga que lecionar Matemática nos Anos Finais da Educação Básica e os possíveis impactos para a sua saúde/bem-estar. Assim, traçamos a seguinte questão norteadora: quais os possíveis desafios enfrentados por uma pedagoga ao lecionar matemática nos Anos Finais da Educação Básica e como esses interferem na sua saúde/bem-estar?

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa com características descritiva e interpretativa, analisamos os dados “em toda a sua riqueza, respeitando, tanto quanto o possível, a forma em que estes foram registados ou transcritos” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 48).

Como instrumento de produção de dados usamos um questionário, “mais usado instrumento para coleta de opiniões e dados informativos em pesquisa e levantamentos” (MASSONI; MOREIRA, 2017, p. 98).

O questionário foi aplicado a uma professora graduada em Pedagogia, possui experiências profissionais na área de educação em dois diferentes municípios, atuou como auxiliar de

classe, secretária escolar, professora dos anos iniciais e, atualmente, leciona matemática nos Anos Finais da Educação Básica regular e na Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma rede municipal.

A escola, onde a nossa participante, atua fica localizada na zona rural de um determinado município baiano, atende alunos da Educação Infantil (a partir de 1 ano e 11 meses), Anos Iniciais e Finais da Educação Básica na modalidade regular e EJA. O corpo discente é, atualmente, composto por 227 alunos e o corpo docente possui 16 professores, sendo 7 atuantes nos Anos Finais. No Quadro 1 apresentamos a formação e o(s) componente(s) curricular(es) que cada um leciona nesta escola.

Quadro 1 – Formação inicial e atuação docente

Formação	Disciplina(s) que leciona
Licenciatura em Ciências Biológicas	Língua Portuguesa e Ensino Religioso
Licenciatura em Pedagogia	Matemática
Licenciando em Letras com Inglês	Língua Portuguesa e Inglês
Licenciando em Geografia	Língua Portuguesa, Educação Física e Ensino Religioso
Licenciando em Geografia	Ciências e História
Licenciando em Educação Física	Arte e Educação Física
Licenciatura em Geografia	Geografia e História

Fonte: O autor.

É possível afirmar, de acordo com o quadro acima, que exceto o licenciado em Geografia, o licenciando em Educação Física e o em Letras, todos os demais lecionam disciplinas diferentes da sua formação inicial.

A escolha da professora de Matemática para fazer parte deste estudo está relacionada com a formação e atuação docente do pesquisador, pedagogo e professor efetivo dos Anos Iniciais da Educação Básica, e com o desenvolvimento da pesquisa de doutorado do mesmo no campo da Educação Matemática. Pois como afirma Alves-Mazotti (2001, p. 162) “a escolha do campo onde serão colhidos os dados, bem como dos participantes, é proposital, isto é, o pesquisador os escolhe em função das questões de interesse do estudo”.

REFERENCIAL TEÓRICO

Quando nos referimos a docência há inúmeros estudos, Reis e Cecílio (2014), Estácio, Andrade, Kern e Cunha (2019), Facci e Esper (2020), Kanan e Dresch (2022),

Mouro, Ribeiro, Neta e Nunes (2019) que mostram os desafios que os professores enfrentam desde a formação, a relação com os pares, com os discentes, às condições de desenvolvimento do seu trabalho, extensa carga horária, produtivismo exacerbado e os impactos na sua saúde. No trabalho de Reis e Cecílio (2014) essas questões são explicitadas desde as condições de estrutura físicas às questões de saúde.

Há professores que esperam por mudanças referentes à climatização das salas de aula e a um ambiente de trabalho mais confortável, já que passam boa parte do seu dia num mesmo ambiente, podendo ele tornar-se exaustivo. Muitos apresentam maiores chances de desenvolver algumas doenças mentais ao longo da docência, como a Síndrome de Burnout. Além da própria forma de organização do trabalho, outros fatores também contribuem para as más condições de trabalho, como um ambiente físico que não favorece boas acomodações e as relações interpessoais que perpassam o cotidiano docente e podem prejudicar o desempenho do professor. Levá-lo a uma experiência de “esgotamento” que o corrói (REIS; CECÍLIO, 2014, p. 124).

Esses autores tinham como objetivo discutir as condições do trabalho docente, a sua precarização e o impacto na saúde dos professores. Constataram que o professor tem sido sobrecarregado e cada vez mais o seu trabalho é pouco reconhecido socialmente; o exercício da docência tem desencadeado doenças nos professores, e muitos precisam de acompanhamento psicológico; há baixa remuneração salarial, extensa jornada de trabalho, excesso de atividades a serem realizadas fora do expediente fazendo com que vida social e profissional se misturem; condições de trabalho insatisfatória levando os professores a desmotivação. No entanto, foi identificado também que há professores felizes e realizados em sua profissão (REIS; CECÍLIO, 2014, p. 109).

Ainda segundo esses autores, um ponto a se considerar é o papel que as reformas educacionais têm nesse contexto de precarização, adoecimento e competitividade entre docentes. Para eles “as reformas educacionais que levaram os docentes a aprofundar-se em práticas individualistas e de cunho competitivo. Buscar seu espaço e atingir seus objetivos está cada dia mais difícil, principalmente em relação ao reconhecimento social pelo trabalho” (REIS; CECÍLIO, 2014, p. 122).

O individualismo e a competitividade exacerbada acabam alienando o professor, que, na maioria das vezes, não enxerga que o problema é estrutural. Além disso, o impede de criar relações/parcerias com outros docentes que possibilitaria uma melhoria do seu trabalho docente. É preciso compreensão de que “essa prática cada vez mais individualizada, os docentes passam a se autorresponsabilizarem pelas falhas de seu trabalho, trazendo sentimentos de culpa, que passam a gerar frustrações e desmotivação” (ÁVILA, 2011, p.3 apud REIS; CECÍLIO, 2014, p. 122).

Facci e Esper (2020) ao discutir sobre adoecimento e medicalização de professores do ensino superior constataram que as temáticas que versam sobre sofrimento/adoecimento do professor podem ser estruturadas em 7 diferentes eixos

1) competição entre pares, gerada no processo de busca forçada por publicação; 2) predominância do quantitativo sobre o qualitativo, na qual mais vale a quantidade do que a qualidade do material produzido, gerando um produtivismo exacerbado; 3) capitalismo no meio acadêmico, que remete ao processo de mercantilização do saber, no qual a universidade, no que tange à produção de conhecimento, vem se assemelhando às indústrias, e o conhecimento se torna mercadoria; 4) dano da qualidade de vida do professor, com perda do tempo de lazer, invasão da jornada de trabalho na vida particular e avanço das tecnologias e suas consequências na falta de delimitação entre ambiente de trabalho e de lazer; 5) modificação do papel do professor, sendo mais um fabricante de papers do que o que tem como finalidade ensinar; 6) precarização do trabalho docente, gerando insegurança, instabilidade do professor com relação ao seu trabalho e o aumento do número de atividades a serem assumidas; e 7) falta de ética na universidade, gerada pela necessidade de ser produtivo, levando a uma qualidade duvidosa do que vem sendo produzido, plágios, autoplágios e demais imposturas intelectuais que influenciam negativamente a saúde física e psíquica dos professores (FACCI; ESPER, 2020, p. 52-53).

E alertam que esses fatores são responsáveis pelo adoecimento e afastamento de professores para cuidarem da saúde ou por levar estes a se medicarem para conseguir continuar trabalhando (FACCI; ESPER, 2020). O estudo desenvolvido com a participação de 52 professores, identificou que

32 (61, 54%) afirmaram que tomaram algum medicamento nos últimos 12 meses. Os medicamentos mais citados foram os antidepressivos (10 professores), os ansiolíticos (7 professores) e remédios para dores de cabeça (6 professores). Os demais foram para insônia, dor de cabeça, problemas cardíacos, pressão alta, antialérgicos, crises convulsivas, hipotireoidismo e dores no corpo. Alguns professores mencionaram um combinado de medicamentos (FACCI; ESPER, 2020, p.62).

Quanto ao tipo de doença, “21 apontam problemas de nível psíquico, como depressão, ansiedade, stress, síndrome de Burnout, insônia e problemas psiquiátricos” (FACCI; ESPER, 2020, p. 65). No tocante aos motivos, foram citados: “estresse/desgaste emocional/tensão/pressão psicológica (17 respostas); sobrecarga de trabalho (9 respostas); relações interpessoais conflituosas na academia (6 respostas)” (FACCI; ESPER, 2020, p. 65).

De modo geral, o mal-estar e o sofrimento docente que estão associados à precarização do trabalho docente são provocados pela falta de concurso público que tem levado à contratação temporária, seja na educação superior ou na educação básica; intensificação do trabalho docente e sobrecarga de trabalho; não representação sindical e falta de liberdade de expressão; perda do papel e autonomia do professor, mercantilização

do saber; necessidade de mais de um vínculo empregatício para complementação de renda (FACCI; ESPER, 2020).

Para Kanan e Dresch (2022, p. 92) “o bem-estar no trabalho destes profissionais influencia seu desempenho, bem como a importância da prevenção e erradicação de sentimentos e condições ambientais nocivas que possam causar prejuízos físicos e emocionais aos mesmos”.

Paschoal e Tamoyo (2008) apud Kanan e Dresch (2022) compreendem o bem-estar a partir de dois polos: gratificação e desgosto. O polo gratificação

representado pela percepção do professor a respeito da valorização do trabalho (percepção de que o trabalho é importante para si mesmo, para a organização e para a sociedade), do reconhecimento pessoal (ser admirado e recompensado por sua competência), da autonomia (liberdade para executar o trabalho no seu estilo pessoal), da expectativa de crescimento (possibilidades de desenvolvimento pessoal e profissional), do suporte ambiental (percepção de segurança, apoio material, tecnológico e social), dos recursos financeiros (justa relação de troca entre trabalho realizado e salário recebido) e do orgulho de pertencer à organização (KANAN; DRESCH, 2022, p. 100).

Pelo que vimos até aqui, o modo desgosto está ativado e operante, o desafio para pesquisadores e governantes é pensar em meios para desativá-lo e, ao mesmo tempo, investir ações que promovam o bem-estar da classe docente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mesmo licenciada em Pedagogia, a experiência com o ensino de Matemática nos Anos Finais da Educação Básica tem sido positiva e desafiadora.

Lecionar Matemática não é uma tarefa fácil, ainda mais quando não somos formados na área. A Matemática também conhecida como a ovelha negra é muito ampla e infelizmente nós professores possuímos muitas dificuldades, talvez pelo fato de não termos sido preparados adequadamente para lecionar a disciplina ou até mesmo pelo jeito que aprendemos, diferente do que se pede hoje em dia. De início apresentei um pouco de dificuldades por não estar acostumada a trabalhar com Matemática dos anos finais. Apesar de tudo isso a minha experiência tem sido boa, a gente acaba saindo da zona de conforto e estudando mais, se dedicando mais e conseqüentemente colhendo bons frutos.

Quando compara as dificuldades enfrentadas nos anos iniciais com as dos anos finais ela destaca o desgaste para lidar com o nível de aprendizagem dos alunos, que requer mais tempo para planejar tarefas que atendam às necessidades da classe.

Os alunos tem chegado cada vez mais despreparados no ensino fundamental II, temos em torno de 70% dos alunos com dificuldade total em pelo ao menos

duas das quatro operações básica, além de desinteresse, dificuldades em leitura de gráficos e tabelas, dificuldade em leitura e compreensão de situações problemas, entre outros conteúdos trabalhados. Sendo assim, tenho que planejar duas ou três tarefas diferentes para cada turma, para tentar sanar aos poucos as dificuldades dos alunos.

De certa forma, ter que planejar diferentes tarefas para a mesma aula e turma, mesmo sendo algo necessário, gera sobrecarga de trabalho. De acordo com Facci e Esper (2020) este é dos fatores de adoecimento docente.

Com relação às dificuldades enfrentadas para lecionar Matemática nos Anos Finais

Falta de ajuda da coordenação, falta de materiais didáticos para turma, pouca preparação para a área. Procuo sempre inserir conteúdos que já tenho mais prática no início do plano de curso para que eu tenha mais tempo para estudar e dominar os conteúdos que tenho menos habilidade. O desenvolvimento da aula é sempre uma surpresa, a maior dificuldade é quando o aluno não participa, apresenta muita dificuldade, mesmo quando faço diversas formas diferentes para tentar chamar a atenção e fazer compreender o que está sendo proposto e não vejo resultado, isso acaba sendo frustrador.

Aqui é possível identificar outros pontos que interferem no bem-estar/saúde docente, como a relação conflituosa entre os pares, cita por Facci e Esper (2020), que neste caso aqui é entre professor e coordenação. Para Reis e Cecílio (2022, p. 124) “as relações interpessoais que perpassam o cotidiano docente e podem prejudicar o desempenho do professor. Levá-lo a uma experiência de “esgotamento” que o corrói. As condições matérias da instituição, a falta de interesse dos alunos e o conhecimento epistêmico da disciplina a lecionar.

Sobre os impactos para a saúde e bem-estar relacionados a lecionar Matemática nos Anos Finais, foi feito o seguinte questionamento: No seu entendimento, lecionar Matemática nos Anos Finais impactou na sua saúde e no seu bem-estar (tempo de lazer, tempo de sono, qualidade do sono, estresse do dia a dia, motivação etc.)?

Sim, pois necessito de maior tempo de dedicação ao trabalho e consequentemente falta tempo para todas as outras coisas.

Exemplo: trabalho quatro dias na semana lecionando Matemática em quatro turmas do ensino fundamental II, pela manhã. E mais dois dias da semana com turma de EJA, eixo IV e V, a noite. Onde necessito usar minhas tardes e as vezes grande parte das noites para fazer e refazer planejamento e estudos sobre o que irei lecionar e de que forma fazer isso para que eu consiga alcançar de formar satisfatória meus alunos.

Diante disso, o tempo para lazer, família e tempo de sono são poucos e acabam ficando em segundo plano e como consequência aparece o estresse, o desânimo, o cansaço mental.

Isso também corrobora com estudo de Facci e Esper (2020) quando se refere à qualidade de vida do professor, para estes o “dano da qualidade de vida do professor, com perda do tempo de lazer, invasão da jornada de trabalho na vida particular e avanço das tecnologias e suas consequências na falta de delimitação entre ambiente de trabalho e de lazer” é uma das causas do adoecimento ou mal-estar docente.

Ademais é perceptível que, o fato de não ser licenciada em Matemática e, conseqüentemente, necessitar se dedicar mais aos estudos, gera um desgaste na professora. Isso tem interferido nos momentos de lazer, sono e família. Essas questões provocam mal-estar: estresse, desânimo, cansaço mental, como destacado pela própria participante. Reis e Cecílio (2014) apontam que o excesso de atividades a serem realizadas fora do expediente fazendo com que vida social e profissional se misturem, gera condições de trabalho insatisfatória levando os professores a desmotivação.

Por fim, foi questionada sobre o uso de medicamento, as respostas vão ao encontro dos resultados das pesquisas de Facci e Esper (2020) e Kanan e Dresch (2022)

Uso medicamento, sim. Geralmente para dores. Principalmente dor de cabeça. O estresse da lida com a coordenação, com alguns colegas, a necessidade de planejar diferentes tarefas para uma mesma turma por conta do nível de alguns alunos tem me causado muitas dores de cabeça.

Uso também para dores nas pernas e no pé. Passo muito tempo em pé. Tem dias que as dores são insuportáveis. Mas isto não está relacionando só a este ano. Quando dava aula nos anos iniciais era a mesma coisa, com relação as dores nas pernas e no pé. Passo o período da aula sempre em pé.

Com relação às dores nas pernas e nos pés Kanan e Dresch (2022) apontam que a bipedestação causa problemas na musculatura e no sistema circulatório dentre outros. Facci e Esper (2020) apontam que 32 (61, 54%) afirmaram que tomaram algum medicamento nos últimos 12 meses, remédios para dores de cabeça foram citados por 6 professores e também foi citado remédio para dores no corpo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

São muito os desafios que um professor enfrenta seja na educação básica, seja na educação superior. Muitos desses desafios tem contribuído para o adoecimento ou mal-estar desses profissionais. Relações conflituosas entre os pares, falta de recursos e estruturas físicas inadequadas, falta de reconhecimento social do papel do professor, pouca valorização salarial etc. Neste texto procuramos compreender os desafios

enfrentados por um pedagogo que lecionar Matemática nos Anos Finais da Educação Básica e os possíveis impactos para a sua saúde/bem-estar.

Os dados analisados nos permitem concluir que os principais desafios estão relacionados o domínio do próprio conhecimento matemático; o relacionamento com a coordenação e alguns colegas professores; ao nível de conhecimento, comportamento e interesse dos alunos; à sobrecarga de trabalho, por ter que planejar diferentes tipos de tarefas para atender as demandas de alunos da mesma turma, mas que estão em níveis de aprendizagem muito distantes; e à necessidade de realização de atividades fora do expediente interferindo nos momentos de lazer, de sono e da família.

Quanto ao impacto na saúde e bem-estar é possível afirmar que os desafios, acima mencionados, tem interferido de forma negativa causando-lhe estresse, frustração, desânimo que culminam com dores e, conseqüentemente, com o uso de medicamentos. Além disso tem interferido no sono, no lazer e nos momentos com a família.

Também é possível afirmar que a mesma considera a atuação nos anos finais como positiva, uma vez que lhe possibilita sair da zona de conforto e, conseqüentemente, aprender coisas novas.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J. **O método nas Ciências Sociais**. In: ALVES-MAZZOTTI, A. J; GEWANDSZNAJDER, F. O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira, 2000.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994, p. 47-51.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ESTÁCIO, L. S. dos S; ANDRADE, W. G. F; KERN, V. M; CUNHA, C. J. C. de A. O produtivismo acadêmico na vida dos discentes de pós-graduação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 133-158, jan./abr. 2019.

FACCI, M. G. D; ESPER, M. B. S. B. Adoecimento e medicalização de professores universitários frente a precarização e intensificação do trabalho. **Movimento-Revista de Educação**, Niterói, ano 7, n. 15, p. 50-78, set./dez., 2020;

KANAN, L. A; DRESCH, J. F. Ambiente, condições de trabalho e saúde de professores da educação básica. **Revista Gepesvida**. Número 19. Volume 8. 2022. <http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>. Acesso: 24 dez. 2023;

MASSONI, N. T; MOREIRA, M. A. **Pesquisa qualitativa em educação em ciências: projetos, entrevistas, questionários, teoria fundamentada, redação científica**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2017;

MOURA, J. da S; RIBEIRO, J. C. de O. A; NETA, A. A. de C; NUNES, C. P. Precarização do trabalho docente e o adoecimento mental no contexto neoliberal. **Revista Profissão Docente**, Uberaba-MG, v.19, n.40, p.01-17, jan./abr.2019. Disponível em <https://revistasdigitais.uniube.br/index.php/rpd/article/view/1242/1421> . Acesso: 22 dez. 2023.

REIS, B. M.; CECÍLIO, S.. Precarização, trabalho docente intensificado e saúde de professores universitários. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v.23, n.2, p.109-128, mai-ago., 2014;